

**VELHICE E JUVENTUDE: REVISÃO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA
ACERCA DE SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS (2005-2015)¹**

NASCIMENTO, Mariana Costa^{1*}; CALSA, Geiva Carolina^{1}**

¹Universidade Estadual de Maringá
marianacostadonascimento@gmail.com*
gccalsa@hotmail.com**

RESUMO

Neste artigo, objetiva-se investigar a produção acadêmica brasileira da década compreendida entre 2005 e 2015 sobre representações sociais de velhice e juventude entre idosos e jovens. A busca foi realizada nos bancos de dados Capes, BDTD e Scielo, com uso dessas palavras e suas derivações. Os resultados indicam a inexistência de trabalhos que discutam as representações de idosos e jovens sobre juventude. As pesquisas que discutem as representações sociais de velhice entre idosos e jovens

pontuam aspectos positivos e negativos que permeiam o processo de envelhecimento. Tais resultados sugerem ambivalência das representações sociais dos dois grupos quanto ao envelhecimento, embora os participantes indiquem que as perdas sejam maiores do que os ganhos. O conjunto de pesquisas encontradas aponta que a rejeição ao envelhecimento ainda permanece, como mostram outros estudos, bem como a maior valorização da juventude e luta por sua manutenção indefinida.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Representações. Velhice. Juventude.

**OLDNESS AND YOUTH: A REVIEW OF THE BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION
ABOUT ITS SOCIAL REPRESENTATIONS (2005-2015)**

ABSTRACT

This article aims to investigate the Brazilian academic production of the last ten years concerning the social representations of oldness and youth among elderly and young people. The search was conducted in the databases Capes, BDTD and Scielo with use of these words and their derivations. The results indicate the existence of papers that discuss the representations of elderly and young people on youth. The traced research discussed the social representations of oldness among the elderly and young

points out positive aspects like and negative aspects like that permeate the process of aging. The findings suggest ambivalence concerning the social representations of the two groups in relation to aging, although participants indicated that the losses are greater than the gains mentioned. The set of studies found conclude that the rejection of aging remains, as well as a greater appreciation of youth and fight for its indefinite maintenance.

KEYWORDS: Education. Representations. Oldness. Youth.

**VEJEZ Y JUVENTUD: REVISIÓN DE LA PRODUCCIÓN ACADÉMICA BRASILEÑA
ACERCA DE SUS REPRESENTACIONES SOCIALES (2005-2015)**

RESUMEN

Este artículo objetiva investigar la producción académica brasileña de la década comprendida entre 2005 y 2015 sobre representaciones sociales de vejez y juventud entre ancianos y jóvenes. Se realizó la búsqueda en los bancos de datos Capes, BDTD y Scielo, con el uso de esas palabras y sus derivaciones. Los resultados indicaron la inexistencia de trabajos que discutan las representaciones de ancianos y jóvenes sobre juventud. Las investigaciones que discuten las representaciones sociales de vejez entre ancianos y jóvenes

puntúan aspectos positivos y negativos que permean el proceso de envejecimiento. Esos resultados sugieren ambivalencia de las representaciones sociales de los dos grupos en cuanto al envejecimiento, aunque los participantes indiquen que las pérdidas sean mayores que las ganancias. El conjunto de investigaciones encontradas concluye que el rechazo al envejecimiento sigue vigente, como muestran otros estudios, así como la mayor valoración de la juventud y lucha por su mantenimiento indefinido.

PALABRAS CLAVE: Educación. Representaciones. Vejez. Juventud.

¹ Parte deste trabalho foi enviada para a comunicação oral do evento I Simpósio Internacional de Educação, Representações Sociais e Subjetividade; IV Simpósio Estadual de Representações Sociais e Educação.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas acerca de representações sociais sobre velhice e juventude têm-se tornado nas últimas décadas um campo promissor para as pesquisas acadêmicas, uma vez que a inversão crescente da pirâmide etária brasileira já é uma realidade. Essa inversão vem modificando gradativamente os modos de ser e viver dessas fases da vida. O aumento da longevidade e da população idosa brasileira e mundial alavancam o envelhecimento como tema emergente e possibilitam a reflexão sobre as concepções atuais de ser jovem, adulto e idoso no século XXI.

Para Codo (2012), o aumento da expectativa de vida da população mundial está relacionado aos avanços da medicina, às melhorias das condições de saneamento das cidades, à redução das taxas de natalidade e à prática de atividades físicas dos idosos, dentre outros fatores. O estudo realizado por Venturi e Bokany (2007, p. 27) revelou que no Brasil as condições gerais de vida do idoso são melhores atualmente do que há 20 ou 30 anos. Justifica, em parte, essa nova situação dos idosos a aquisição de “[...] alguns novos direitos, como a conquista da aposentadoria, a gratuidade dos transportes, o atendimento preferencial em filas e a promulgação do Estatuto do Idoso”. Contudo, apesar dos avanços legais para a população idosa, os estudos observam que muitos são os obstáculos a serem vivenciados pela terceira idade, dentre eles o preconceito direcionado a essa faixa etária.

Couto (2007) explica que “ageísmo” é o termo que descreve as atitudes discriminatórias e preconceituosas em relação ao idoso. Utilizado pela primeira vez por Robert Butler em 1969, trata-se “do terceiro grande ismo, após o racismo e o sexismo”. No entanto, “[...] o ageísmo difere dessas duas formas de preconceito e de discriminação porque, teoricamente, qualquer pessoa pode ser atingida por ele, desde de que viva o suficiente para envelhecer” (COUTO et al., 2009, p. 510). De acordo com os autores, os estereótipos dirigidos aos idosos sugerem que são pessoas inflexíveis, depressivas, solitárias, frágeis e sem energia para a vida.

Já o conceito gerontofobia, como afirma Diniz (2014), refere-se às condutas do próprio idoso que rejeita seu envelhecimento e se manifesta pelo medo excessivo e desproporcional aos riscos e perdas inerentes a esse processo. Esse é o caso dos idosos que se preocupam

demasiadamente com sua aparência, buscando mantê-la eternamente jovem, negando os sinais dessa nova fase de sua vida.

Levando em conta os preconceitos dos idosos em relação ao processo de envelhecimento, indagamo-nos sobre suas possíveis condutas de discriminação e de exclusão em face de outras faixas etárias, como as crianças e os jovens. Situações do cotidiano nos fazem supor que alguns idosos avaliam os jovens com preconceito, alegando que são preguiçosos, que ficam apenas na frente de seus aparelhos eletrônicos, a exemplo da televisão, computador ou celular, são malcomportados e menos educados do que os de sua época, etc. As crianças são percebidas por esse segmento como barulhentas, desrespeitosas e egoístas. Observamos condutas recíprocas por parte de vários jovens e crianças para quem os idosos são aborrecidos e feios, os quais se lembram o tempo todo do passado e não compreendem ou não querem aceitar as novidades tecnológicas e de comportamento das novas gerações.

Encontramos em Bauman (2010) reforço às nossas indagações, quando destaca que no século XXI a desconfiança intergeracional pode estar crescendo, a qual vem se manifestando por meio de comportamentos de incompreensão e, muitas vezes, de intolerância recíproca entre jovens e velhos. Para ele, “[...] a aceleração radical do ritmo das mudanças, características dos tempos modernos, permitiu que se percebesse no curso de uma única vida humana que as coisas mudam e não são mais como antes” (BAUMAN, 2010, p. 62), o que tem acontecido cada vez com mais força e radicalidade, levando à sensação de insegurança e de medo dos indivíduos em relação ao outro diferente de si.

Nesse contexto, as velhas e as novas gerações tendem a se olhar com medo e apreensão. “Os mais velhos temem que esses recém-chegados ao mundo estejam prontos para arruinar a acolhedora, familiar e decorosa ‘normalidade’ que eles, os pais, construíram com esforço e conservam com amoroso cuidado” (BAUMAN, 2010, p. 64). Os jovens, por sua vez, não raro, “[...] sentem um forte impulso de endireitar o que os antigos estragaram e desequilibraram”. Nem uns nem outros parecem sentir-se satisfeitos com a direção que o mundo vai tomando ou tomou, portanto, como estratégia, acabam acusando-se mutuamente (BAUMAN, 2010).

Como medidas preventivas desse desencontro, estudos recentes, como os de Carleto (2013), Ferrigno (2009), Fukumuto (2010) e Santos (2015), realizados com jovens e idosos, concluíram que programas educacionais que privilegiam o contato intergeracional podem contribuir para a redução dessas desconfianças, preconceitos e exclusões. Conforme Ferrigno (2009), esses projetos voltam-se ao compartilhamento de valores culturais e à maior flexibilidade perante o outro, possibilitando, desse modo, a ruptura do preconceito etário de ambas as partes.

O mesmo pensa Fukumuto (2010), para quem esses programas são espaços ricos para trocas de saberes e aprendizagens entre as gerações mais velhas e mais novas. Na concepção de Carleto (2013), a promoção de relações intergeracionais é um fator essencial para o envelhecimento ativo, pois esses espaços proporcionam sentimentos de satisfação pessoal, maior autoestima e reconhecimento social por parte do idoso e da sociedade. Santos (2015) concluiu que o contato com o grupo de várias faixas etárias viabiliza aos sujeitos envolvidos no projeto reconhecer a pluralidade de papéis que um idoso pode assumir.

No Brasil, projetos intergeracionais vêm sendo desenvolvidos pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) (FERRIGNO, 2009, 2010) em todo o país, com vistas principalmente a desacomodar as representações dos jovens e velhos sobre envelhecimento e juventude. Esses trabalhos buscam favorecer a construção de novas formas de pensar e agir dessas gerações entre si.

Na continuidade desses estudos sobre as relações intergeracionais entre jovens e idosos, neste artigo apresentamos os resultados de nossa busca sobre a produção científica brasileira da década compreendida entre os anos de 2005 e 2015 sobre representações de jovens e idosos acerca de envelhecimento e juventude.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Nossa pesquisa foi realizada de acordo com as orientações de um estudo bibliográfico sugeridas por Lara e Molina (2011), que definem as seguintes etapas: identificação, localização, compilação e fichamento. Seguindo a primeira etapa, identificamos as fontes que seriam pesquisadas; após isso, localizamos e selecionamos os bancos de dados presentes na *web* em

que buscamos as informações; em seguida, reunimos essas informações para a realização da leitura de títulos e resumos, bem como uma leitura flutuante da íntegra das teses, dissertações e artigos encontrados, quando necessário, para seleção dos estudos pertinentes ao tema de nossa investigação; na última etapa, realizamos a leitura integral de cada estudo para fichamento e organização do material recolhido.

A busca² foi relativa à década compreendida entre 2005 e 2015, concentrada na produção científica brasileira apresentada em teses, dissertações e artigos em três acervos: no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e no banco de periódicos científicos *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), selecionados por sua relevância nacional e internacional.

Para encontrar os estudos de nosso interesse, utilizamos todas as combinações possíveis entre as palavras-chave “representações”, “juventude” e “idoso”, bem como algumas derivações (“representações sociais”, “jovem”, “adulto-jovem”, “terceira idade”, “velhice”, “velho”). Encontramos ao todo 2.034 trabalhos. Após a leitura de seus títulos, restaram 103 trabalhos, dos quais descartamos os não produzidos na área de Ciências Humanas, como os das áreas de Enfermagem ou Saúde, e os que não abordavam representações de jovens e/ou idosos sobre velhice e juventude, e sim temas específicos, como violência, práticas de rejuvenescimento, qualidade de vida, transição da adolescência para a vida adulta, etc. Desse conjunto, com a leitura dos resumos, restaram 46 estudos; posteriormente chegamos a 18 estudos a partir da leitura flutuante, entre os quais selecionamos sete para serem lidos integralmente, descritos e analisados no presente artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO SOBRE OS ESTUDOS ENCONTRADOS

Para apresentar os sete trabalhos científicos produzidos entre os anos de 2005 e 2015 nas universidades brasileiras e encontrados nessa revisão, organizamos os dados em dois grandes grupos: representações sociais sobre juventude e representações sociais sobre velhice (Quadro 1).

² A busca foi realizada nos dias 15 e 16 de março de 2016.

Quadro 1 – Revisão da produção científica brasileira (2005-2015)

Palavras-chave	Nº	Autor/a	Tipo	Banco de dados	Título
Representações sociais sobre juventude entre jovens	Nenhum trabalho encontrado	-	-	-	-
Representações sociais sobre velhice entre jovens e demais faixas etárias	3 trabalhos	Torres (2010)	Tese	BDTD	<i>Pensamento social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários</i>
		Neris (2012)	Dissertação	BDTD	<i>Representações sociais do envelhecimento, da velhice e do velho nas gerações intergeracionais</i>
		Andrade (2014)	Dissertação	BDTD	<i>Representações sociais de velhice por diferentes grupos etários: analisando estruturas e processos</i>
Representações sociais sobre velhice entre idosos	4 trabalhos	Araújo, Coutinho e Carvalho (2005)	Artigo	SciELO	<i>Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de conveniência</i>
		Araújo, Coutinho e Santos (2006)	Artigo	SciELO	<i>O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais</i>
		Costa (2006)	Tese	BDTD	<i>A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma pesquisa de intervenção</i>
		Luna (2007)	Tese	BDTD	<i>Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver no envelhecimento</i>
Representações sociais sobre juventude entre idosos	Nenhum trabalho encontrado	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria (2016).

Não encontramos nenhum trabalho com o tema representações sociais sobre juventude entre jovens. Curiosamente, sobre representações sociais sobre velhice entre jovens e demais faixas etárias, identificamos três pesquisas (ANDRADE, 2014; NERIS, 2012; TORRES, 2010).

Sobre representações sociais sobre velhice entre idosos, encontramos quatro trabalhos (ARAÚJO; COUTINHO; CARVALHO, 2005; ARAÚJO; COUTINHO; SANTOS, 2006; COSTA, 2006; LUNA, 2007), enquanto não localizamos nenhuma pesquisa com o tema representações sociais sobre juventude entre idosos (Quadro 1). Chama-nos a atenção a inexistência de estudos de

pesquisas sobre representações sociais de juventude tanto entre jovens como entre idosos nos nacos de dados e período pesquisados.

A partir da leitura dos estudiosos, subdividimos os estudos em dois grupos, conforme os seguintes critérios: o primeiro grupo é composto por três trabalhos, os quais abordam as representações sociais sobre idoso em diferentes faixas etárias, inclusive entre jovens; enquanto do segundo grupo fazem parte os estudos que abordam as representações sociais sobre velhice por parte de idosos.

Do primeiro grupo de pesquisas que investigaram as representações sociais de idosos em diferentes faixas etárias, encontramos a tese de Tatiana de Lucena Torres (2010), com o título *Pensamento social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários*, que buscou caracterizar o pensamento social sobre envelhecimento e rejuvenescimento para diferentes grupos etários. Para tanto, a pesquisa se desenvolveu em três momentos:

[...] o primeiro sobre atitudes, estereótipos etários, crenças normativas e estrutura das representações sociais do envelhecimento, o segundo sobre estereótipos do idoso e o terceiro sobre o conteúdo e relação entre as representações sociais do envelhecimento, idoso e rejuvenescimento. (TORRES, 2010, p. 13).

Participaram da primeira etapa 638 sujeitos, divididos por gênero e grupo etário (adolescentes, adultos e idosos). Desse total, apenas 40 sujeitos participaram da segunda etapa e 60 sujeitos da terceira etapa. Para a maioria dos participantes entrevistados, o envelhecimento caracteriza-se por perdas e ganhos, mas, quanto às crenças normativas, as perdas prevalecem. Entre os adolescentes, os principais elementos para o grupo foram aposentadoria, sabedoria e experiência. Os adultos convergem com a posição dos jovens e acrescentam as evocações limitação, solidão, doença e tempo livre. Entre os idosos, as representações envolvem aposentadoria e sabedoria, seguidas de experiência, incapacidade, doença, solidão, família e amigos. Consoante os entrevistados das três faixas etárias, as pessoas que continuam ativas e que possuem uma mente jovem nunca envelhecem, por isso as práticas de rejuvenescimento estão vinculadas ao sentir-se bem, e não apenas ao tratamento estético.

A pesquisa de Marco Antonio da Luz Neris (2012), intitulada *Representações sociais do envelhecimento, da velhice e do velho nas gerações intergeracionais*, teve como objetivo investigar as representações sociais de crianças, jovens e adultos quanto a envelhecimento,

velhice e velho. Participaram da pesquisa 40 sujeitos (metade do sexo feminino e metade do sexo masculino): 10 alunos do ensino fundamental (8 a 12 anos), 10 alunos do ensino médio (16 a 18 anos), 10 alunos de diversos cursos de graduação (21 a 24 anos) e 10 idosos pertencentes a comunidades religiosas (católica, evangélica e espírita) de Brasília. Durante a pesquisa, foi utilizada a Técnica das Evocações Livres do Núcleo Duro de Abric (1994), realizando-se a análise por meio do *software* EVOC³. Foram utilizadas três palavras indutoras: envelhecimento, velhice e velho. Sobre a indução *envelhecimento*, o principal elemento da centralidade para o grupo de crianças foi a evocação *doenças*; para os jovens, *experiência*; para os adultos, *fim da vida*; e, para o grupo de idosos, *incapacidade*. Em relação à indução *velhice*, o principal elemento da centralidade para o grupo de crianças foi *incapacidade*; para os jovens, *virtude*; para os adultos, *fim da vida*; e, para o grupo de idosos, *dificuldade*. Por fim, sobre a indução *velho*, o principal elemento da centralidade para o grupo de crianças foi *velhice*; para os jovens, *dependente*; para os adultos, *experiente*; e, para os idosos, *desprezo*. Ante esses dados, a autora constatou entre o grupo de crianças o predomínio de aspectos negativos (doença, incapacidade e velhice); entre os jovens, a prevalência de ganhos (experiência, virtude e dependência); entre os adultos, aspectos negativos (fim da vida apareceu em dois momentos e experiência); e, entre os idosos, também a prevalência de fatores negativos (incapacidade, dificuldade e desprezo).

A dissertação de Danielle Almeida de Andrade (2014), com o título *Representações sociais de velhice por diferentes grupos etários: analisando estruturas e processos*, buscou analisar as representações sociais de velhice por diferentes faixas etárias. Participaram da pesquisa 145 sujeitos, 25 crianças, 60 jovens/adultos e 60 idosos. Para a coleta dos dados, foram aplicados um questionário de caracterização e a associação livre de palavras. A análise dos dados foi realizada por meio da estatística descritiva, e as evocações foram analisadas com auxílio do *software* EVOC. Para as crianças, a velhice relacionava-se à doença, à dependência e à imagem de seus avós. Entre os jovens/adultos, os elementos centrais foram aposentadoria, atenção e cabelos brancos. Os idosos mostraram-se alegres por terem conseguido chegar à terceira idade, desejando aproveitarem a vida e agradecendo e pedindo a Deus proteção. Ao mencionarem as

³ O *software* EVOC é comumente utilizado em pesquisas na área das representações. Refere-se a um programa de computador que possibilita selecionar as palavras que foram mais evocadas pelos participantes (elementos periféricos e centrais). No primeiro momento, o pesquisador realiza a técnica de associação livre de palavras, por exemplo: "O que vem à sua cabeça quando falo a palavra ...?". As palavras ditas pelos sujeitos serão transferidas para o *software*, que dará os resultados dos termos que foram mais evocados pelos participantes.

queixas referentes ao processo do envelhecimento, os idosos explicitaram estratégias que utilizam para vencer os obstáculos do cotidiano.

O conjunto de pesquisas desse primeiro grupo revela que jovens e adultos relacionaram a velhice a uma fase de perdas (doença, fim da vida, incapacidade física e aparecimento de rugas) e de ganhos (experiência e sabedoria). Para as crianças, a velhice mostrou-se associada a aspectos negativos, como os relacionados à imagem de seus avós – ranzinzas e doentes. Os dados das pesquisas sugerem que, para a maioria dos sujeitos investigados, das diversas faixas etárias, há maior rejeição à velhice e maior valorização da juventude e sua manutenção.

Os estudos descritos são convergentes com as conclusões de Torres (2010), para quem a experiência e a sabedoria parecem ser os únicos ganhos da velhice para a maioria das pessoas, inclusive para os próprios idosos. Nas palavras do autor, sendo assim, “[...] as pessoas não querem envelhecer, nem querem ser idosas, por isso não se reconhecem como membros desse grupo” (TORRES, 2010, p. 216), pois reconhecer-se velho não é tarefa fácil, dependendo de cada indivíduo o modo de enfrentá-la.

A partir da leitura de estudos sobre envelhecimento (BEAUVOIR, 1990; BOBBIO, 1997; GOLDENBERG, 2011; NERI, 2007), consideramos que em geral a pessoa percebe que está envelhecendo, por meio dos sinais de seu corpo e do mundo interno, como os sentimentos de perda e baixa autoestima; bem como de seu mundo externo, como passar a ser tratada como velha em situações cotidianas – ter o lugar cedido, perceber desprezo em situações públicas, passar despercebida sexualmente e ante os mais jovens. Há a perda e o branqueamento dos cabelos, o recrudescimento das rugas e de outras marcas físicas, como a redução da visão, da audição, do gosto e da vitalidade corporal, que indicam a passagem do tempo e a aproximação da morte. Os idosos começam a receber aposentadoria, deixam de pagar passagens de ônibus, passam a ter prioridade em filas e a ser chamados de “senhor” ou “senhora”, entre outros fatores. Além disso, muitos idosos passam a ter sua capacidade intelectual reduzida, prejudicando sua autonomia moral e cultural.

Contudo, conforme Casotti e Campos (2011, p. 110), “[...] algumas pessoas mais velhas se veem com cerca de dez a quinze anos menos do que são oficialmente registradas”. Isso ocorre porque esses idosos tendem a avaliar seu estilo de vida ainda como dinâmico e produtivo, que, em muitos casos, não condiz com a idade cronológica maior e, portanto, sua representação do

envelhecimento está associada mais à sua autoimagem. É crescente a quantidade de idosos que não se identificam e se conformam com o senso comum sobre o idoso, que associa o envelhecimento a doenças e lutos, buscando intencionalmente distanciar-se dessa visão.

Em nossa pesquisa (NASCIMENTO, 2016)⁴, encontramos idosos com uma visão próxima à descrita pelos autores. Estudantes da Universidade Aberta da Terceira Idade (Unati), vinculada à Universidade Estadual de Marília (UEM), relataram, durante conversas informais com a pesquisadora, que não se consideravam velhos, pois apresentavam disposição para trabalhar, viajar, fazer atividades físicas, brincar com os netos, além de desejarem e sentirem motivação para aprender.

Nesse sentido, consideramos que situações como estar com a família, encontrar amigos, realizar cursos ou fazer viagens refletem o bem-estar que caracteriza a qualidade de vida desses idosos. Reiterando essas conclusões, Torres (2010) afirma que essas condutas podem ser denominadas como práticas de rejuvenescimento, uma vez que se referem ao desejo do idoso em sentir-se novamente jovem.

O segundo grupo de estudos que encontramos contempla cinco trabalhos, os quais investigaram representações sociais sobre velhice entre idosos. O artigo de Araújo, Coutinho e Carvalho (2005), intitulado “Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de conveniência”, apresentou como objetivo identificar as representações sociais sobre velhice entre idosos de grupo de convivência. Participaram da pesquisa 100 idosos de ambos os sexos (sendo 90% mulheres e 10% homens), com idade média de 65 anos. Para o desenvolvimento do trabalho, foi utilizada a técnica de associação livre de palavras, por meio dos estímulos: velhice, grupos da terceira idade e família. Os resultados da pesquisa indicaram que a representação de velhice era negativa e estava relacionada à solidão, dependência, doenças e morte. Os participantes relataram que a independência financeira lhes permitia viver sozinhos, mas a falta de autonomia prejudicava as suas atividades na vida diária. Sobre os grupos da

⁴ Durante o mestrado, realizamos um estudo com doze idosos participantes da Unati/UEM. Investigamos o processo de tomada de consciência durante a prática do jogo de regras Quarto. Adaptadas do método clínico, as verbalizações solicitadas pela experimentadora possibilitaram aos idosos participantes aprimorarem suas estratégias e, conseqüentemente, melhorarem seu desempenho no jogo Quarto, com maior quantidade de vitórias. Dessa forma, quanto ao sistema cognitivo dos idosos, concluiu-se que a tomada de consciência pode vir a constituir um processo a ser utilizado em situações-problema do cotidiano. A metarreflexão possibilita aos sujeitos maior poder de decisão sobre seus problemas, mostrando-se mais autônomos e menos compassivos diante das dificuldades do meio.

terceira idade, os idosos relataram considerá-los como um espaço para fazerem amigos, dialogarem e serem valorizados. Em relação à família, os idosos afirmaram sentir-se desrespeitados por não serem consultados em decisões familiares. Entretanto, disseram que a família possibilitava alegrias e bem-estar na velhice.

A tese de Filomena Gueterres Costa (2006), com o título *A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais do envelhecimento: uma pesquisa de intervenção*, objetivou investigar as representações sociais de sete funcionários de uma instituição para idosos independentes⁵. O estudo foi realizado com adaptação do método de grupo focal, cujo resultado foi a verbalização de uma concepção negativa sobre o envelhecimento, relacionando-o a perdas físicas, intelectuais e sociais. Ao longo dos encontros com o grupo, a pesquisadora constatou desacomodação das representações sociais sobre velhice inicialmente formuladas pelo grupo, principalmente nos seguintes aspectos: diferença entre velhice feminina e masculina (para as participantes, o homem envelhece melhor do que a mulher), importância da atividade produtiva para homens e mulheres que moram na instituição e resignificação do significado das perdas físicas, responsáveis pela ausência da juventude, beleza (passaram a considerar que em cada fase da vida a beleza se mostra de forma diferente; os idosos também podem ser belos, assim como os jovens) e felicidade (perceberam que a felicidade do idoso não está vinculada à presença do marido e dos filhos, mas ao sentir-se bem por meio de atividades prazerosas).

O artigo de Ludgleydson Fernandes de Araújo, Maria da Penha de Lima Coutinho e Maria de Fátima de Souza Santos (2006), com o título “O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais”, buscou identificar e comparar as representações sociais de velhice entre idosos de Grupos de Convivência (GCs)⁶ e de Instituições de Longa Permanência (ILPIs) (ver novamente nota de rodapé 4). Participaram da pesquisa 25 idosos dos GCs e 25 idosos das ILPIs, de ambos os sexos (60% mulheres e 40% homens), com

⁵ As instituições para idosos independentes e as Instituições de Longa Permanência (ILPIs) referem-se a instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, que atendem a pessoas com idade superior ou igual a 60 anos, com ou sem suporte familiar (CAMARANO; KANSO, 2010).

⁶ Os Grupos de Convivência têm se constituído como alternativas para a interação e a inclusão social do idoso no Brasil. “De maneira geral, inicialmente os idosos buscam, nesses grupos, melhoria física e mental, por meio de exercícios físicos” (WICHMANN, 2013, p. 823). Há também nesses grupos realização de atividades de lazer, como viagens – ocupacionais e lúdicas.

idade média de 62 anos. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, recorrendo ao *software* Alceste⁷ para a análise dos dados. Os resultados indicaram representações sociais comuns para ambos os grupos de idosos. Para os participantes, a velhice estava relacionada a doenças, cuidados, preconceitos (o velho é associado ao ser incapaz e inútil) e direitos (prioridade em filas, gratuidade na passagem de ônibus). Os idosos relataram ainda que a velhice vinculava-se ao modo de pensar e sentir-se bem, não se restringindo à idade cronológica.

A tese de Verônica Lúcia do Rêgo Luna (2007), denominada *Representações e identidades na velhice: modos de ver e viver no envelhecimento*, apresentou como objetivo investigar as representações sobre velhice. Foram realizadas entrevistas com 51 idosas (de 60 a 92 anos) e sete jovens (de 18 a 27 anos) de classe média e residentes em João Pessoa, Paraíba. Os dados indicaram a predominância, nos dois grupos, de representações negativas da velhice, associadas a doenças, declínio físico e psíquico e perdas sociais. As jovens entrevistadas demonstraram angústia e temor quanto à chegada da velhice, devido a doenças, medo da solidão, perda da capacidade física e aparecimento de rugas. Por sua vez, as idosas manifestaram rejeição à velhice, pois não se reconheciam como velhas. As participantes relataram sentir-se bem para desempenhar as atividades do cotidiano, realçando a existência de múltiplos fatores que marcam o processo de envelhecimento, não apenas a demarcação da idade cronológica.

Assim como os trabalhos do grupo um, os estudos do grupo dois pontuaram aspectos positivos (sabedoria, bondade, experiência, aposentadoria) e negativos (dependência, fragilidade, doença, declínio físico, morte, tristeza, solidão, improdutividade) que permeiam o processo de envelhecimento. Apesar desse dualismo, evidenciou-se que a maioria dos participantes das pesquisas – de diferentes faixas etárias – destacou que as perdas relatadas são maiores que os ganhos mencionados.

Esses resultados reforçam as conclusões dos estudos de Neri (2007, p. 37), de acordo com os quais “[...] muitos preconceitos e estereótipos resultam de falsas crenças a respeito da competência e da produtividade de idosos”. De sua perspectiva, os idosos ainda são percebidos “[...] como membros menos capazes e improdutivos da sociedade, os idosos passam a valer menos nos processos de trocas sociais e, assim, não podem ter acesso à mesma quantidade de

⁷ Assim como o *software* EVOC, o programa Alceste refere-se a um aplicativo de computador que permite apreender elementos periféricos e centrais a partir da técnica de associação livre.

recursos garantidos aos jovens e adultos capazes e produtores de bens” (NERI, 2007, p. 37). Para a autora, essa prática de estratificação por idade mantém o medo e a apreensão concernentes ao envelhecimento.

Ainda de acordo com a autora, a naturalização do preconceito e da intolerância que persistem pode ser velada, fazendo o idoso não perceber que está sendo objeto de discriminação. Formas de tratamento aparentemente “[...] carinhosas e coloquiais, como velhinho, vovozinha, tia, podem mascarar preconceito, assim como termos idade legal, maior idade, melhor idade ou gatão da meia-idade, principalmente entre idosos de baixo nível de escolaridade” (NERI, 2007, p. 41). Ferrigno (2010) lembra que o adjetivo “velhos de espírito jovem” supervaloriza a juventude em detrimento da velhice. Trata-se, segundo o autor, de uma expressão preconceituosa, tanto quanto a utilização da frase “negro de alma branca”, comumente utilizada no período da escravidão no Brasil.

Por último, pode-se afirmar que, em grande parte das pesquisas, observamos que a maioria dos participantes entrevistados relacionou a velhice a aspectos negativos, como doença, dependência e solidão. Os trabalhos, em seu conjunto, salientaram a importância da ressignificação social do processo de envelhecimento, uma vez que a qualidade de vida do idoso é melhor do que há 20 ou 30 anos. Os avanços na medicina, as melhorias na condição de saneamento e a prática de atividades físicas possibilitam ao idoso hoje viver melhor e com mais qualidade de vida. Nesse sentido, hoje o idoso continua ativo física, intelectual e socialmente e não está determinado unicamente à chegada de doenças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos encontrados nesta revisão da produção acadêmica brasileira, pertinentes à década de 2005 a 2015, evidenciam a inexistência de trabalhos que discutem as representações sociais de idosos e jovens sobre juventude. Além disso, constatamos a existência de poucos estudos sobre as representações sociais de jovens sobre idosos. É relevante assinalar ainda que os estudos existentes foram desenvolvidos em outras áreas de conhecimento e atuação diferentes da área de educação, apesar de importância do tema para o processo educacional dessas duas faixas etárias, em particular dos idosos nas universidades abertas, entre outras instituições.

Essas constatações revelam lacunas na produção acadêmica brasileira sobre o tema em foco, tanto do ponto de vista teórico como do empírico. Isso porque, embora as pesquisas intergeracionais objetivem desacomodar as representações sobre juventude e velhice entre jovens e idosos, os estudos teóricos e empíricos produzidos têm se voltado mais para a discussão sobre estereótipos atinentes ao idoso do que para os preconceitos vinculados ao jovem. Esses são motivos significativos para que neste artigo façamos um convite aos pesquisadores da área da educação em particular a desenvolverem investigações acerca de representações sociais sobre velhice e juventude entre idosos e jovens e suas repercussões para a aprendizagem de ambos dentro e fora da instituição escolar.

5 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. A. *Representações sociais de velhice por diferentes grupos etários: analisando estruturas e processos*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; CARVALHO, V. Â. M. L. Representações sociais da velhice entre idosos que participam do grupo de conveniência. *Psicologia Ciência e Profissão*, Brasília, DF, v. 25, n. 1, p. 118-131, 2005.
- ARAÚJO, L. F.; COUTINHO, M. P. L.; SANTOS, M. F. S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. *Psicologia e Sociedade*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 89-98, 2006.
- BAUMAN, Z. *Capitalismo parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOBBIO, N. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 232-235, 2010.
- CARLETO, D. G. S. *Relações intergeracionais de idosos mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação*. 2013. 73 f. Dissertação (Mestrado em Bioengenharia) – Programa de Pós-Graduação em Bioengenharia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CASOTTI, L.; CAMPOS, R. Consumo da beleza de envelhecimento: histórias de pesquisa e de tempo. In: GOLDENBERG, M. (Org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 109-132.

CODO, W. Relações de trabalho e transformação social. In: LENE, S. T. M.; CODO, W. (Org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 136-151.

COSTA, F. G. *A tomada de consciência e o grupo focal na transformação das representações sociais sobre envelhecimento: uma pesquisa de intervenção*. 2006. 259 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

COUTO, M. C. P. *Fatores de risco e de proteção na promoção da resiliência e do envelhecimento*. 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COUTO, M. C. P. et al. Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro – ageísmo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 25, n. 4, p. 509-518, 2009.

DINIZ, T. C. Medo de envelhecer pode ser um problema; entenda a gerontofobia. *UOL*, São Paulo, 2014.

FERRIGNO, J. C. *Coeducação entre gerações*. São Paulo: Sesc, 2010.

FERRIGNO, J. C. Educação para velhos, educação pelos velhos e a coeducação entre as gerações: processo de educação não formal e informal. In: PARK, M. B. P.; GROPPPO, L. A. (Org.). *Educação e velhice*. Holambra: Setembro, 2009. p. 271-287.

FUKUMOTO, A. B. *O ambiente intergeracional no ensino de italiano LE: o caso do italiano no campus*. 2010. 335 f. Dissertação (Mestrado em Letras Modernas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

GOLDENBERG, M. (Org.). *Corpo envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LARA, Â. M. B.; MOLINA, A. A. Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. C. (Org.). *Metodologia e técnicas de pesquisa nas áreas de Ciências Humanas*. Maringá: UEM, 2011. p. 121- 172.

LUNA, V. L. R. *Representações e identidade na velhice: modos de ver e viver o envelhecimento*. 2007. 179 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

NERI, A. L. Atitudes e preconceitos em relação à velhice. In: SESC (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007. p. 33-46.

NERIS, M. A. L. *Representações sociais do envelhecimento, da velhice e do velho, nas relações intergeracionais entre crianças, jovens, adultos e velhos no Distrito Federal*. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2012.

SANTOS, D. F. *Olha para mim: encontro de gerações intermediado pela escrita de cartas*. 2015. 230 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

TORRES, T. L. *Pensamento social sobre envelhecimento, idoso e rejuvenescimento para diferentes grupos etários*. 2010. 392 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginário. In: SESC (Org.). *Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade*. São Paulo: Perseu Abramo, 2007. p. 21-32.

WICHMANN, F. M. A. Grupos de convivência como suporte do idoso na melhoria da saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 821-832, 2013.

Recebido em 9 de agosto de 2016.

Aceito em 6 de fevereiro de 2017.